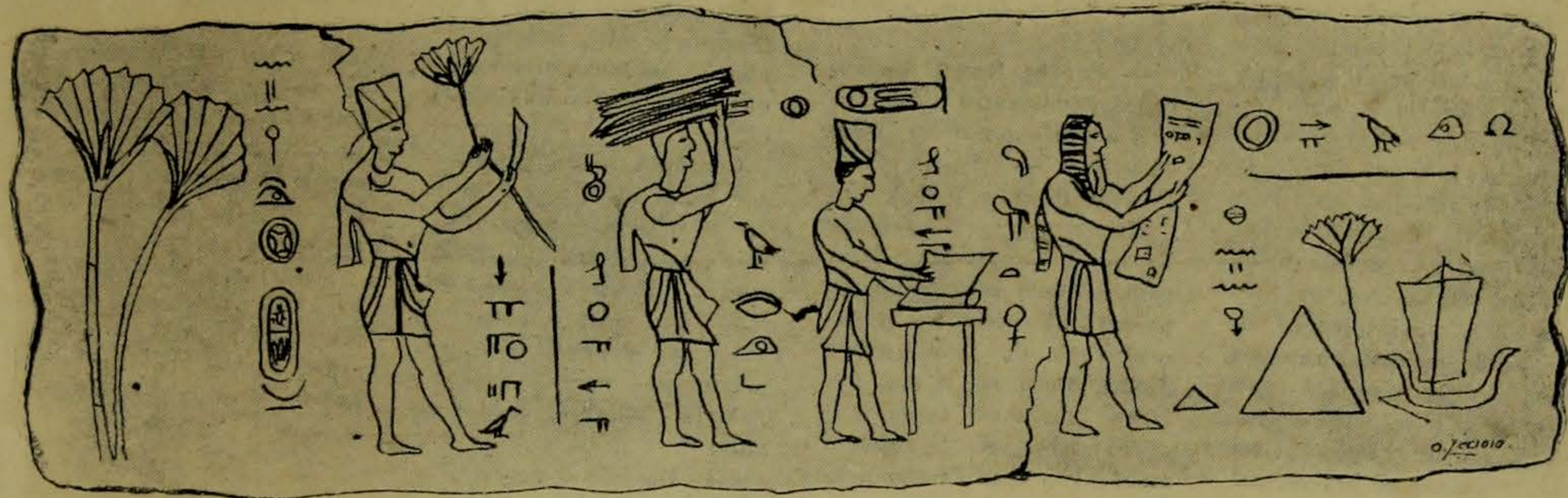


Correio das Artes

ANO 1 Número 39 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 18.12.1949



Cena da colheita e fabrico do papiro, segundo um baixo relêvo egípcio.

MISTÉRIOS E REALIDADES

ORLANDO ROMERO

COMO sempre, num dos seus rodapés domingueiros, o sr. Otto Maria Carpeaux, surge aplaudindo as edições de José Olympio. Desta vez, o felizardo foi o professor Silva Mello.

Editores felizes essa que tem, a seu dispor, tão abalizado crítico! Os gabos não tardam. Vêm a tempo e a hora. Irradiam-se por toda parte. Eloquentes. Vibrantes. Entusiastas. Infelizmente, — talvez por não gosar idênticas vantagens quais as prodigalizadas ao ilustre crítico, — a obra «Mistérios e Realidades deste e do outro mundo» não produziu os mesmos efeitos em meu espírito. Li a obra de cabo a rabo. Seiscentas e tantas páginas foram consumidas em poucos dias. E, no final, muitas dúvidas e indecisões permaneceram. Certamente porque as mesmas dúvidas e as mesmas indecisões se deixam transparecer no seu contexto.

As experiências mais memoráveis observadas nos laboratórios de Paris, de Roma, de Berlim ou de Londres, são criticadas, com veemência, pelo erudito professor. Somente mistifica-

ção. Erros. Fraudes. Traições. Nada é verdade; só mentiras, burles!

Afinal, não sabemos em quem acreditar: se no prof. Silva Mello, se nos sábios. Aliás, o professor também é sábio... Mas diz que os seus colegas são uns tólos quando tratam da fenomenologia medianímica. Menos ele, é claro! E, pois,

afirma que um «João ninguém» qualquer seria capaz de enganar todo um areopago de sábios ilustres. E é de parecer que «um Pasteur ou Henri Poincaré seriam mais facilmente «enrolados» do que qualquer indivíduo de segunda ordem. Em outro local de sua obra, refere-se à falta de rigor científico nas ex-

periências psíquicas, da seguinte forma: — «Mas, quando se torna possível submetê-los a uma análise precisa e objetiva, logo aparecem a imprecisão, a superficialidade com que são tomados, as provas falhas e fugidias em que se baseiam, tudo fóra dos verdadeiros moldes científicos».

— Que ilação podemos tirar? Ora, escreve o professor que nada podemos «esperar de informações mediocres, fornecidas por pessoas sem autoridade», depois acha que um Pasteur ou um Poincaré seriam mais facilmente «enrolados» do que qualquer indivíduo de segundo ordem; relega o testemunho dos sábios, em seguida, preconiza a necessidade dos verdadeiros moldes científicos nas investigações...

O sr. Carpeaux não crê em revelações de carácter paranormal. Do contrário, seriam modificados os «destinos da humanidade», fomentado o «progresso das ciências» e a política tomaria novo rumo. É de opinião que os espíritos devam se interessar mais de perto pela sorte dessa pobre

B Ô C A

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

*BôCA que nunca beijarei
bôca de outro, que ri de mim,
no milímetro que nos separa
cabem todos os abismos.*

*Bôca que o meu desejo
é impotente para fechar
e que sabe disso, zomba
de minha raiva inútil.*

*Bôca amarga porque impossível,
bôca doce que não provarei,
ri sem beijo para mim,
beija outro, com seriedade.*

humanidade. Faz crer que o sr. Carpeaux almejava não «fazer força». Seria, sem dúvida, o ideal, mas... que jeito? Pois, depreende-se das leituras medianímicas, a premência do esforço humano. O homem deve proporcionar atendendo ao próprio labor; são os artifícios exclusivos do seu processo. Dizem o sentimento dos que os espíritos auxiliam os homens, inspirando os cientistas em suas pesquisas; iluminando os apóstolos, os músicos, os poetas. Os avisos, as premonições, a inspiração, os casos de lucidez, parecem corroborar a tese dos espiritualistas. É obvio, porém, que os homens não devem cruzar os braços, assim não passariam de simples ventríloquos.

Interroga, ainda, o sr. Carpeaux: — «Pois, poderia haver materialismo mais grosseiro do que aquele que se revela incapaz de acreditar no Espírito senão quando «materializado»?»

É natural que tal acentuação. São Tomé — dizem os Evangelhos — só acreditou nas aparições de Jesus após vê-lo «materializado», e apalpá-lo. E ninguém ouiria chamar Tomé de «materialista grosseiro», porém pouco crédulo, ou melhor, cético; queria ver para crer. O contrário, ocorre com os que vêem e negam. Ou os que negam a priori, às vezes manietados a interesses subalternos. Esses, sim, são materialistas de grosso calibre.

O sr. Carpeaux só admitiria a aparição se materializassem os órgãos sexuais. Ele só crê no sexo; espírito sem sexo não é espírito. Daí a grande dificuldade em atender o ilustre crítico de José Olympio...

Para o prof. Silva Mello não há fatos. As pesquisas foram infantis. Os sábios, uns papalvos. Todos, sem exceção. Sejam eles, Myers, Richet, Lombroso, Zoellner, Crookes, Wallace, Schiaparelli, Aksakof, Bluterof, Nicolau Wagner, Robert Hare, F. Clouck, Robert Chambers, Hodgson, Hyslop, William James, J. M. Gully, Flammarion, William Barrett, Paul Gibier, Barkas, Eliot Cowes, Cromwell

Varley, Oliver Lodge, Ochorowicz, Gurney, Podmore, Wach, Kerner, Cesar de Vesme, Rochas, Karl Du Prel, Delanne, William Stead, Conan Doyle, Osty, Bozzano, Schenk-Notzing, Geley ou centenas de outros. Todos foram mistificados.

— Porque foram mistificados, todos esses sábios?

E o professor Silva Mello responde: — Porque Max Dessoir disse.

Vemos em «Mistérios e Realidades» que Max Dessoir é quem dita a última palavra. Dessoir é o «guia espiritual» do prof. Silva Mello. Para ele a sua palavra tem mais força que a fé: não só transporta montanhas bem como destrói todos os espíritos...

O apêgo do prof. Silva Mello a Max Dessoir é verdadeiramente comovente. Se o professor fosse espiritualista diríamos ser ele médium e Dessoir o espírito comunicante. Assim, pois, ouçamos os seus argumentos contra os fenomenos de Criptestesia, observados pelos sábios, no polonês Bert Reese:

«Dessoir afirmou, desde logo, que tudo deve estar baseado em prestidigitação, razão pela qual foi muito atacado, tanto pela imprensa como por particulares».

E, na mesma página, prossegue o professor:

«Max Dessoir, que fornece essas referências, in-

forma que Reese é um homem de quasi 70 anos, que possui esse dom sobrenatural desde muito criança».

E, em seguida, podemos ler o seguinte:

«Dessoir relata que nunca conseguiu ver esse homem (Reese) único e excepcional que, igualmente, nunca foi examinado por qualquer comissão científica».

Continúa, ainda, o professor Silva Mello:

«As informações que Dessoir obteve nesse sentido foram unânimes o que demonstrou que o poder de videncia dependia dos papéizinhos».

Mais adiante, encontramos:

«E Dessoir acrescenta ironicamente que o que ele (Reese) talvez não soubesse era o nome da sua própria mãe!»

Logo adiante, continúa o nosso médico nos seus argumentos:

«Dessoir pôde confirmar que tudo não passava de truques e prestidigitação».

Mais abaixo, reforça a argumentação:

«Quanto à opinião dos sábios de Viena, nenhum deles o conhecia (Reese), como verificou Dessoir».

Fala ainda o professor Silva Mello:

«Dessoir desculpa-se de haver gasto tanto tempo com Reese, sacrificando ainda o tempo do leitor».

E para não sacrificar o

tempo do leitor, apenas um argumento:

«Dessoir investigou a questão e verificou que nada disso havia acontecido».

Com franqueza, se Max Dessoir não existisse o professor Silva Mello ver-se-ia na obrigação de inventá-lo!

E o sr. Carpeaux referiu-se aos «Mistérios e Realidades» como sendo «livro utilissimo que, embora incapaz de fazer ouvir os surdos, poderia abrir os olhos aos cegos».

Entretanto, duvido que o livro do professor faça falar os mudos!

Disso gostaria o sr. Carpeaux...



O ROMANCE RUSSO

TRADUZIDO por Brito Broca, foi lançado pela editora A Noite um dos ensaios mais completos para o conhecimento de literatura russa de ficção.

A leitura de «O romance russo», de Melchior de Vogue, habilita a uma penetração de profundidade nas grandes obras devidas aos gênios como Tolstoi, Dostoiévski, Gogol, etc.

FATOS E FEITOS

COM 43 crônicas escritas, de 1919 a 1921, por Humberto de Campos, para a revista «Para-Todos», fez-se mais um livro do grande e saudoso escritor e poeta sob o título, que era o das crônicas, de «Fatos e Feitos».

A edição, lançada pela Gráfica Editora Brasileira, destinou-se ao livro do Mês.

As crônicas de Humberto de Campos ilustram grandemente o leitor, dada a constância de citações de fatos históricos e lendas, especialmente de referências à literatura bíblica, tudo contribuindo para acrescentar ao prazer da leitura um sabor ou requinte especial.

Essa é a verdadeira e excelente crônica, na qual o comentário ao cotidiano se eleva e se valoriza com a comparação ou a alusão a acontecimentos bíblicos ou históricos.

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor — SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

Secretário de Redação

EDUARDO MARTINS

Redatores:

Carlos Romero — Dulcidio Moreira
George Mattos — Juarez Batista

JOÃO PESSOA — PARAIBA

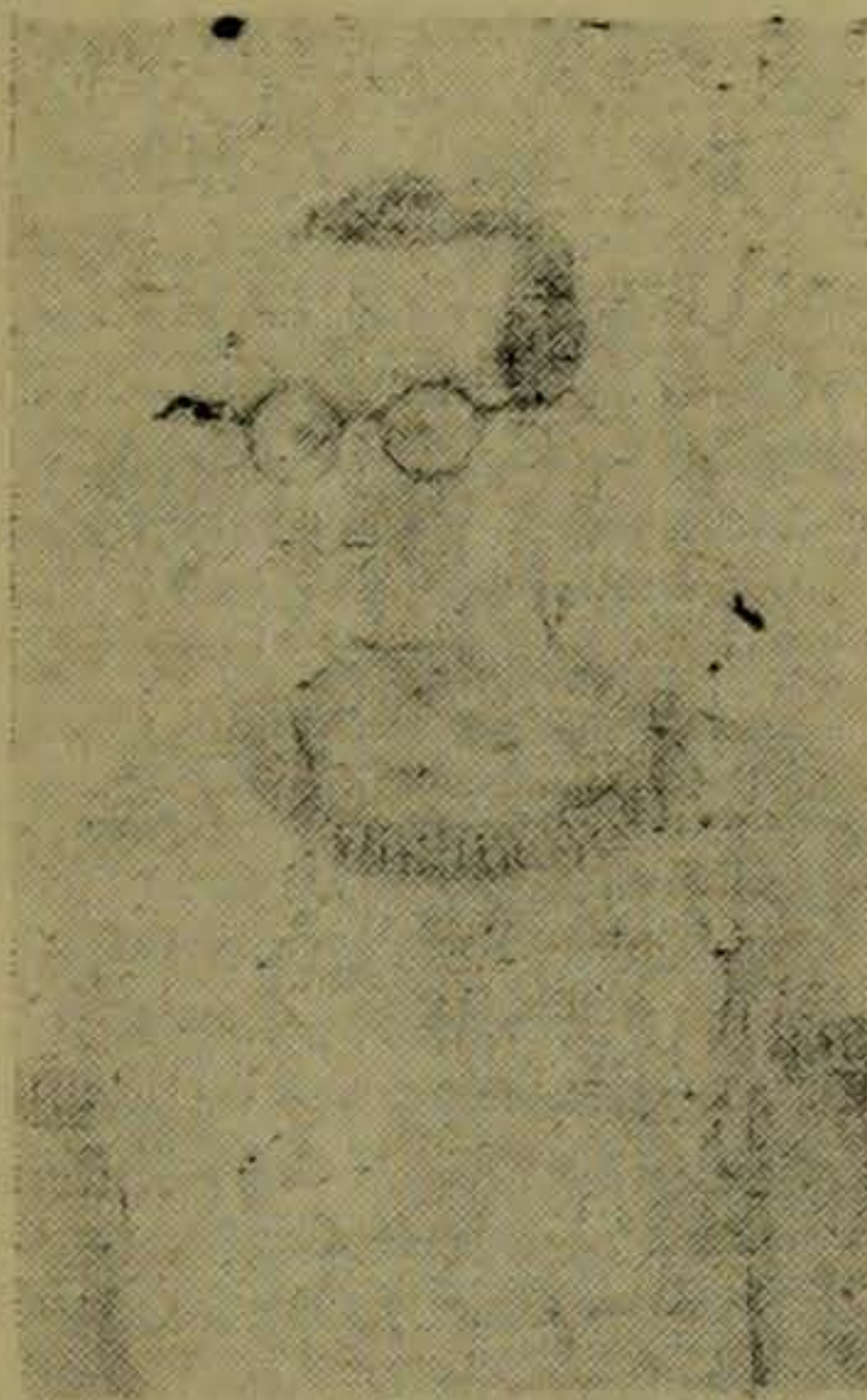
ANTOLOGIA POÉTICA DA NOVA GERAÇÃO

ORGANIZADA POR FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

BANDEIRA A TRIBUZI

VIII

BANDEIRA Tribuzi nasceu em S. Luiz do Maranhão em 1927. Viveu durante muitos anos em Portugal onde fez seus estudos. Foi delegado do Maranhão no 2.º Congresso Cearense de Poesia. Publicou em 1948 o seu primeiro livro de poesias: *ALGUMA EXISTÊNCIA*. Além do volume de poemas *FLÔR DE PEDRA* que será lançado por "Orfeu", tem em prefácio: *POEMAS INTERNACIONAIS e BICHOS E DEUSES* (novela).



SONETO LIRICO

DA VIDA desconheço o quanto basta.
De ti não sei se existes, muito embora,
os sentidos proclamem o contato
de um ser sem barba, árvore de delírios.

Com certa ingenuidade reconstruo
a vida que se excede de malícia.
Depois, apaixonado, deposito
o fruto de pensar em tuas mãos.

O' mãos felizes que transportam, mínima,
tanta soma de vida! O' vida tanta
em tão pequenas mãos bem protegida!

O' fruto de pensar em que balança a
seiva de ingenuidade e de malícia,
com tudo o que lhe empresto de paixão.

RETRATO DO PINTOR CADMO

SITUADO entre o vago, o verde e a vida,
nenhuma luz fícticia o estonteia.
O seu paiz ergue-se sem fronteiras
onde a raiz de ser tão só domina.

Quasi-Quocote, sem alarde, rima
o ofício, a isenção e o devaneio.
Grande toureador das rudes tintas
a quem o touro se entregou de joelhos.

Onde estiver está silêncio e força,
cor, geometria, ritmo, desenho,
e olhar de míope sobre o que aparece.

No campo do inconcreto corre a corça e
semeia no caminho o que a reveste:
sexo, nervos e euminar de engenho.

BALADA DO MARINHEIRO

Ao Gasparino Damata

MARINHEIRO sendo apenas navego.
Recolho paisagens e semeio filhos.
Habituei-me ao mar como a margem
se habituou ao rio.

Não mancham lágrimas a face salgada
mas de gosto, côr, som marítimos.
Sonhos de meus olhos só navio e águas.
Meus filhos sem pai serão bem meus filhos.

Marinheiro sendo apenas navego e
descubro sereias, não imaginárias
mas corpos de ter bem junto do sexo,
brancas sim mas de carne melhor que sonhada.

Em deus creio — se creio — porém de um modo
diverso de como o costumam pensar:
alguma coisa de forte e concreto,
distante e certo, feito de noite e mar.

O medo me ignora. Navego, navego.
Mesmo pôsto em terra permaneço humido.
Com alcool, mulheres e navalhadas
em nevoeiro me sitúo e flutúo.

Descobri paragens talvez por descuido,
talvez por instinto ou conhecimento,
e ainda hoje em cada ilha descubro
estas saudades liquifeitas que apascento.

Marinheiro sendo navego até quando
meu sólido corpo descansar gelado
e então deslizarei imponderável, químico, transposto
em alga verde e para sempre salgado.

Flutuarei ainda, sombra de corpo húmido,
nas mãos de extranha e inconcreta vida,
passeando entre peixes, naus, virgens, companheiros,
no médio espaço de areia branca e nuvem refletida.

O TEMPO DA ESFINGE

II

POESIA E CLIMA LIRICO

FAUSTO CUNHA

ARREMATANDO belo trabalho sobre a poesia da água, escreveu Jorge Jobet que «la fidelidad es una característica metafísica de la poesia». Por isso, apenas arrolou as águas que se conservam fiéis a si mesmas. Essa fidelidade é a fidelidade ao elemento próprio, a fidelidade do ser à sua essência, da arte à sua expressão.

Esse aforismo, evidentemente mais de natureza poética do que filosófica, poderia servir de epigrafe a substancioso estudo sobre a poesia dos novos, ou melhor, sobre as atuais tendências, porquanto é cêdo demais para se definir, atacar ou defender essa poesia como fato consumado. Entretanto, não será necessário mais que um passar d'olhos para se verificar até que ponto a poesia atual

anda cheia de mecanismos aquíferos. Há por toda parte, e a todo instante, poetas construindo repuxos, fontes, lagos e chafarizes tão bonitos, de águas tão coloridas, de efeitos plásticos tão impressionantes, que nos esquecemos de ser tudo apenas artifício: aquele formoso lago jamais receberá outro líquido que o da encanção, porque as chuvas o farão transbordar se não estiver perfeito o sistema de esgoto; jamais serão transportas as margens de cimento e por mais gracioso que seja aquêle játo multicolor, não poderá ele subir até à nuvem mais baixa; as garças não voarão e os golfinhos não mergulharão assustados, porque a pedra os imobilizou para sempre na sua elegância. A água — a poesia — está aprisionada, e sua presepça é ape-

nas um elemento de composição, não uma função nenhuma, inerte na sua força, inerte em seu movimento.

Exploram ao máximo o pequeno espaço poético de que dispõem, e levam essa exploração ao auge, à gasneonização, ao subôrno, até ao estupro da poesia. Para que procurar a poesia dentro-de nós, ou junto ao próximo, se as palavras e os ritmos nos podem fornecer, com abundância, uma poesia fascinante e metódica?

Que faltará a êsses poemas tão bem feitos, de estilo soberbo, morfologicamente extraordinários, tectonicamente inexpugnáveis.

Antigamente, quando parecia um livro de versos, era fável, pelos «pés quebrados», pelas rimas frouxas e pobres, as imagens e símbolos cedícios, os finais agudos, os temas batidos, as influências nacionais ou européias, as chaves de ouro, saber se o poeta era ou não um Hermes Fontes. Hoje, no entanto, os poetas jovens surgem com tal mestria formal que assombra, e não se pode encontrar defeito técnico que, até certo ponto, não tenha sido intencional. Com franqueza, não sei de geração brasileira que tenha começado tão de cima, quanto à forma, uma forma tão preciosa que, ao contrário de outrora, o que se exige agora dos novos é menos forma.

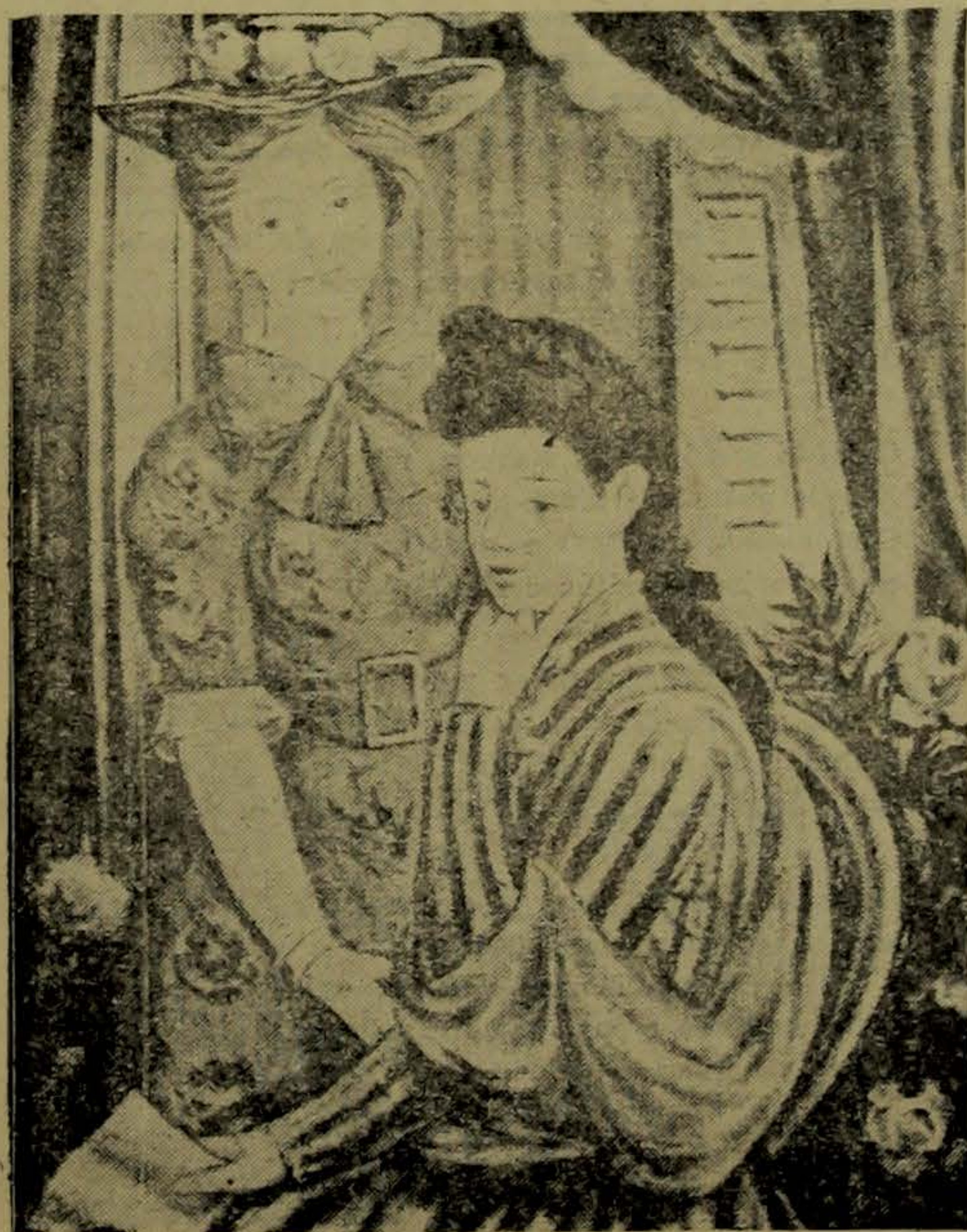
No parnasianismo, o culto da forma era manifesto e dela se envaideciam os idólatras; hoje, o culto é ainda mais evidente, e no entanto se valoriza na ordem direta em que não é confessado. Chama-se, às vezes, hermetismo. Mas o hermetismo verdadeiro é a poesia em estado de expansão, ao passo que nos apresentam um hermetismo que é somente a condensação, através de sincopes e elipses, de uns destroços líricos, ou sapato chinês para uma poesia desmesuradamente flácida. Daí certa confusão quando um grupo nega um

poeta que é, para outro grupo, o expoente máximo da verdadeira poesia. Daí as acusações que jorram por toda parte contra os poetas novos, tendo porém os acusadores cuidado de excetuar nominalmente a maioria d'esses poetas.

Que faltará, pois? Acho que falta apenas fervor poético. O amor a poesia em si, como poesia, e não apenas como estética. A coragem de externar a poesia, sem medo de que ela pareça antiquada, ingênua ou desgarnecida. Estamos expandindo o nosso lirismo através de seu maior inimigo — o gongorismo, o gongorismo das metáforas e dos símbolos mágicos, o gongorismo onírico, o gongorismo hermético, tremendamente disfarçado porém gongorismo, porque embue a poesia em paráfrases, em imagens adquiridas pelo método das palavras-cruzadas, em recursos que pertencem ao raciocínio ou constituem sobras alheias.

Analisando a «geografia estilística» da pintura, Antonio R. Romera (ATE-NEA, n.º 288) observava o fato de, na «oscilação massa-linha», os limites pictóricos se aproximarem perigosamente de outras artes. E Juan Jacobo Bajarlia (ibidem), estudando Juan Ramón Jiménez, fez-lhe acerba crítica, inclusive de poetar por analogia, de haver apenas «clima lírico», e não poesia, mesmo nos seus poemas de vanguarda. «A poesia, diz ele, é uma realidade com sua realidade própria». E concluiu: «Poesia sem imagens — vivências inventadas — e imagens sem estruturação — organização inventada — dão somente poestria».

O erro de endeusar a forma, desumanizando a poesia, não é nosso: nosso pode ser o de passá-lo adiante.



PAULO FERREIRA — CAMPONESAS



PEQUENOS AMIGOS

Canto de O. G. REGO DE CARVALHO

QUANDO levou à boca o pedaço de manga, sentiu um travo, não da fruta, pois se habituara a comê-la quase verde, mas da lembrança que lhe apareceu, de repente. Há dias esquecera os pequenos amigos, deixando-os arrumados na caixinha do veludo, em cima da penteadeira.

Junto deles suportara a ausência do noivo, durante cinco meses. Até antes da separação, nunca reparara em quão maravilhoso era o mundo desses seres, que hoje dominavam inteiramente seu coração. Mas ao sentir-se tralha, mergulhou nele, constante de seu gesto.

O profundo afeto que a estreitava a Durval — Joana pensava, recordando os menores detalhes — vinha de longe, talvez na vida do colégio. Ambas tinham sido reprovadas nos exames de primeira época, atribuindo a derrota ao misantropismo do velho professor de matemática, que teve a fé abalar da com o rompimento da grande guerra. Todavia não pensaram assim muito tempo: ao saírem, certa vez, da aula particular no Instituto do Imaculado Coração de Jesus, irrompeu-lhe uma onda de simpatia pela figura austera do mestre, a qual os impeliu a confessar a própria culpa:

— Na realidade jamais gostei de estudar, disse ela, buscando o olhar do colega. Preferia a cinema.

— Eu, a coroa. Quase toda tarde jogava bola e depois me atirava ao rio, deixando-me arrastar na correnteza do canal até o cal. — Durval riu, rompendo a barreira que os separava. — Fomos injustos naquele

dia, culpado o professor de uma responsabilidade que é certamente nossa.

Calaram-se em seguida, surpreendidos da intimidade com que falaram. Nunca havia um notado o outro; no liceu eram como dois estranhos. Mas ao se pararem numa esquina, perto da casa de Joana, fitaram-se a vagar, e só então pôde ela descobrir nele o barba rala sombreando o queixo. Seus olhos possuíam manchas avermelhadas nos cantos e as sobrancelhas eram espessas e arqueadas. Durval, ao perceber que estava sendo observado, empalideceu ligeiramente, deitando o olhar sem expressão num jumentinho que passava ao péso das ancoretas, e teria reparado, se voltasse o rosto, que a fisionomia da companheira refletia compreensão e amizade.

— Não quer entrar? — ela indagou, quase dócil.

O rapaz mirou-se e apertou-lhe a mão, com força:

— Fica para outra ocasião, respondeu, dando as costas.

Joana murmurou algo ininteligível, entrando em seguida em casa.

COROA é o nome dado, na terra, às ilhas de água doce do Parnaíba. Nota dispensável.

Mal chegava à sala de estar, atirou-se ao sofá, mergulhando em reflexões. Desde quando sentiu a transformação, em que os seios entumesceram e ela ganhou aparências de mulher, preocupava-se em enfrentar a vida com seriedade, especialmente em relação aos homens. Estes eram uns brutamones — sua mãe morrera no parto, deixando-lhe uma irmazinha — e os evitava sem-

pre, mesmo reprimindo a ânsia de tê-los nos braços. Não era bonita de rosto, mas o moreno lhe assentava bem. Por isso talvez se explicasse a insistente procura dos rapazes. Durval, contudo, fôra diferente. Não a perseguia; na realidade, pouco se encontrava no colégio, e quando acontecia tê-lo perto, ele se punha a contemplar o largo, onde meninos jogavam futebol e empinavam papagaios. Agora que estudavam para a segunda época, a miude saíam juntos, entretendo palestras ora cordiais, às vezes ríspidas e secas. No momento em que o admirou, demoradamente, compreendeu que encontrara um companheiro para a vida, — um homem estranho, no entanto sedutor. E foi pensando no dispenar

de nova simpatia pelo viver, processada bruscamente em seu espírito, que Joana respirou enlevada, para logo mais procurar a prima idosa:

— Hildete, ela falou radiante, quer sair comigo à noite? Preciso ver alguém. Fêz uma pausa, compreendendo. — Não necessito dessa cara de surpresa: creio que estou amando.

— Mas, verdade, prima? Custa-me crer. Quem é ele? — a outra indagava, abraçando-a.

Joana essa tarde se vestiu com alinho e cuidou da toaleta, atos a que jamais prestara atenção. Às sete horas foi à praça, passar com Hildete. Estava acanhada, e trazia as mãos frias quando Durval a acompanhou; entretanto, passada a inquietação do primeiro instante, dei-

PINTURA PORTUGUESA



EDUARDO VIANA — PINTURA

xou-se invadir de uma ternura, principalmente à porta da casa, na despedida, quando ele a tomou audaciosamente nos braços e ficaram os dois juntinhos, quentes, imersos num enlêvo.

Um ou dois meses depois era Joana conduzida por ele ao palacete de seus pais, e a êstes apresentada. Todos da família simpaticizaram com ela — Durval dissera mais tarde, rindo — me- nos uma mineirinha loira parenta afastada que viera passar uma temporada na cidade.

Não se podia dizer que houvesse qualquer desinteligência entre êles. Joana amava-o, e toda noite Durval vinha atrás dela, a princípio para irem ao bar ou cinema, outras vezes para ficarem a sós, na sala de estar.

Com a declaração oficial do noivado, ambos abandonaram os estudos, êle se associou à empresa de filiação do pai, e ela passava as manhãs bordando. E assim viveram bastante tempo, um ano talvez. A casa que Durval mandara reformar para o casamento estava nos últimos reparos, e os banhos já tinham sido corridos na Matriz de Nossa Senhora do Amparo, quando inesperadamente êle desapareceu, sem que ninguém, nem mesmo os parentes mais chegados, informassem o paradeiro.

Foi um choque para Joana. Após ter confiado tanto nele, sentir-se súbitamente traída, tendo o amor perdido. Embalde procurava esquecê-lo, tomando conta da irmã, mister que antes era da prima. A lembrança de seus gestos esquisitos, o olhar inexpressivo, a mão gorda e forte apertando-a de encontro ao peito, surgia quase todo instante, nos sonhos, ao ler, até quando assistia a um filme.

Tentando dissipar a visão do homem amado, olhou certa vez para os

cantos da sala, afim de observar momentos seguidos o movimentos dos besouros que esvoaçavam contra a parede. Cada vez que mergulhava no mundo dêsses pequenos seres, mais se confortava, ou porque isso constituísse um modo de esquecer, ou porque dela se apoderasse uma nova alegria, certamente a mesma que leva uma criança a mirar uma peteca, encantada com o azul profundo cor do céu. E um pensamento, que antes não a seduziria, a parecia útil e como paliativo ao sofrimento: dedicar-se, com amor à vida dos besouros, das libélulas, de todos os insetos.

A essa idéia se entregou de coração, e logo prendeu o primeiro, pôs-se a contemplá-lo em silêncio, nas minúcias de cores e formas, até que, saciado o gozo que a estranha aventura proporcionava, resolveu guardá-lo, morto, no estojo de veludo que fora presente de noivado.

E qual não foi sua surpresa, certa manhã, quando Durval foi visitá-la, dispô-lo a confessar o erro. Vivendo num alheamento nos últimos dias antes da fuga, receava que não a amasse tanto quanto no começo, e o casamento pudesse torná-los infelizes. Por isso abandonou-a, deixando a cidade e buscando o mar. Mas na solidão a que se entregou, vieram o arrependimento, a saudade, e, para que não dizer?, a certeza de que ainda lhe era muito afeiçoado:

Quero que me perdão, disse êle, observando nele o olhar sereno, mas distante. Se o fizer, nos casaremos logo.

Ouvindo-o quase impassivamente, Joana respondeu que sim, estava desculpado. Não insistisse, porém em casar, pois naturalmente seus pequenos amigos suportariam a essa loucura.

— Êles são minha vida, explicou.

— Quem? — Durval inquiriu, intrigado.

Joana levantou-se, acenando que esperasse, e entrou no quarto da toalete, trazendo na volta a caixinha de veludo. Abrindo-a, mostrou-lhe com tanto amor, tanto carinho no olhar, que Durval recuou, tomado de inominável susto:

— Querida, você passa bem?

— Certamente, respondeu ela, sem erguer a vista. — Foram êles que me ensinaram a esquecer.

Abandonando a cabeça em negativa, Durval deixou-se cair na poltrona. E depois de um silêncio demorado, que o abatia e desconsertava, fitou-a com a face inexpressiva:

— Sabe que caminho percorre? — aventurou.

— Sim.

— E não teme o futuro?

— Às vezes, Durval. Mas, olhe — ela gritava, quase — sou feliz buscando um novo amor. Não atrapahe essa felicidade. — Calou-se, para depois falar com a voz adocicada. — Quer deixarmos a sós, agora? Venha à noite.

Durval olhou-a magoado, e em seu coração havia piedade:

— Está bem, balbuciou, esforçando para ser delicado: gostarei de apreciar seus pequenos amigos.

O passo leve, da pluma, Joana conduziu-o à porta, como numa despedida. Na verdade sabia que o noivo não viria essa noite — nunca.

Pequenas Informações Bibliográficas

DEPOIS do êxito obtido com «César e Cleópatra», as Edições Melhoramentos anunciam de Shaw «A Casa dos Corações Partidos», «Major Bárbara» e «Homem e Super-Homem».

— Taunay é verdadeiramente um dos mais lidos autores nacionais. Pelas Edições Melhoramentos por exemplo «A Retirada da Laguna» está em 12ª edição, «O Encilhamento» em 4ª e «Inocência» em 26ª.

— «Os Caprichos do Tempo», livro típico da moderna literatura de divulgação, é um dos mais recentes lançamentos das Edições Melhoramentos. Autoria de Maryanna Heile.

— Antônio Ruas que já nos deu admirável tradução da obra máxima de Carlyle — «História da Revolução Francesa», foi encarregado pelas Edições Melhoramentos da tradução de «Oliver Twist» de C. Dickens.

— As Edições Melhoramentos estão anunciando a décima quarta edição de «Brasil, Minha Terra», de Mário Sette.

— «Cristovão Colombo», uma biografia sincera do descobridor da América, da autoria de Giuseppe Cavazzani foi programada pelas

Edições Melhoramentos.

— «Madame Bovary», a ser lançada dentro em breve fechará o ciclo das três melhores obras de Flaubert lançadas pelas Edições Melhoramentos.

— «Três Homens na Neve» será a tomada de contacto do nosso público leitor com Erich Kaestner, um crítico bem humorado da sociedade atual. Livro anunciado para breve pelas Edições Melhoramentos.

— «Eu e Ela», do Pe. Hardy Schilgen, famoso orientador de consciências, é novamente anunciado pelas Edições Melhoramentos.

— Bruno Kaiser cientista suíço de talento, sintetizou num livro valioso, intitulado «10.000 Mil Anos de Descobertas» todas as experiências da humanidade. O trabalho foi lançado há pouco pelas Edições Melhoramentos.

— No volume lançado pelas Edições Melhoramentos sob o título de «Céus e Terras do Brasil» foram reunidos três trabalhos do Visconde de Taunay anteriormente denominados: «Paisagens Brasileiras», «Céus e Terras do Brasil» e «Visagens de Outrora».

POEMAS DE DEUS

REYNÁLDO BAIRÃO

«Há somente uma coisa necessária: possuir Deus.»

«Se o antagonismo é a condição do progresso, eu nasci para fazer progressos».

Amial, DIÁRIO ÍNTIMO, 1847-48.

I

PURO, me tornarei o silêncio
que os impuros trazem em solidão.
Palpitando meu ser na tristeza infinita,
me reservarei ao perplexo mutismo
que só os mortos conhecem em si.

Puro, me tornarei estático
e todos os desordenados me reconhecerão,
fustigando o vento, desde o princípio das horas.

Puro, mil vezes puro em mim mesmo,
me tornarei reivindicador
do profundo cáos que me possui
e recebendo os céus em todos vós
me prenderei ao mais próximo túmulo,

ali reconhecendo o Senhor!

II

EU MORRÍ no dia em que nasci
E Deus, em mim, já não vivia
Deus, em mim, somente morria
Aquele dia em que nasci
Eu morri quando vi a luz
Eu morri, meus olhos abertos
Deus cohabita em meu corpo aberto
Deus não existe em meu espírito em cruz
Sim, morri! eu morri quando gritei
Quando braços cobriram meus membros delgados
Quando mãos perdidas acalentaram minha boca
Quando todos os homens no abismo se atiraram
Eu morri no dia em que nasci
E Deus, em mim, não já morria
Deus, em meu corpo demoníaco, vivia

Meu espírito liberto em Deus!

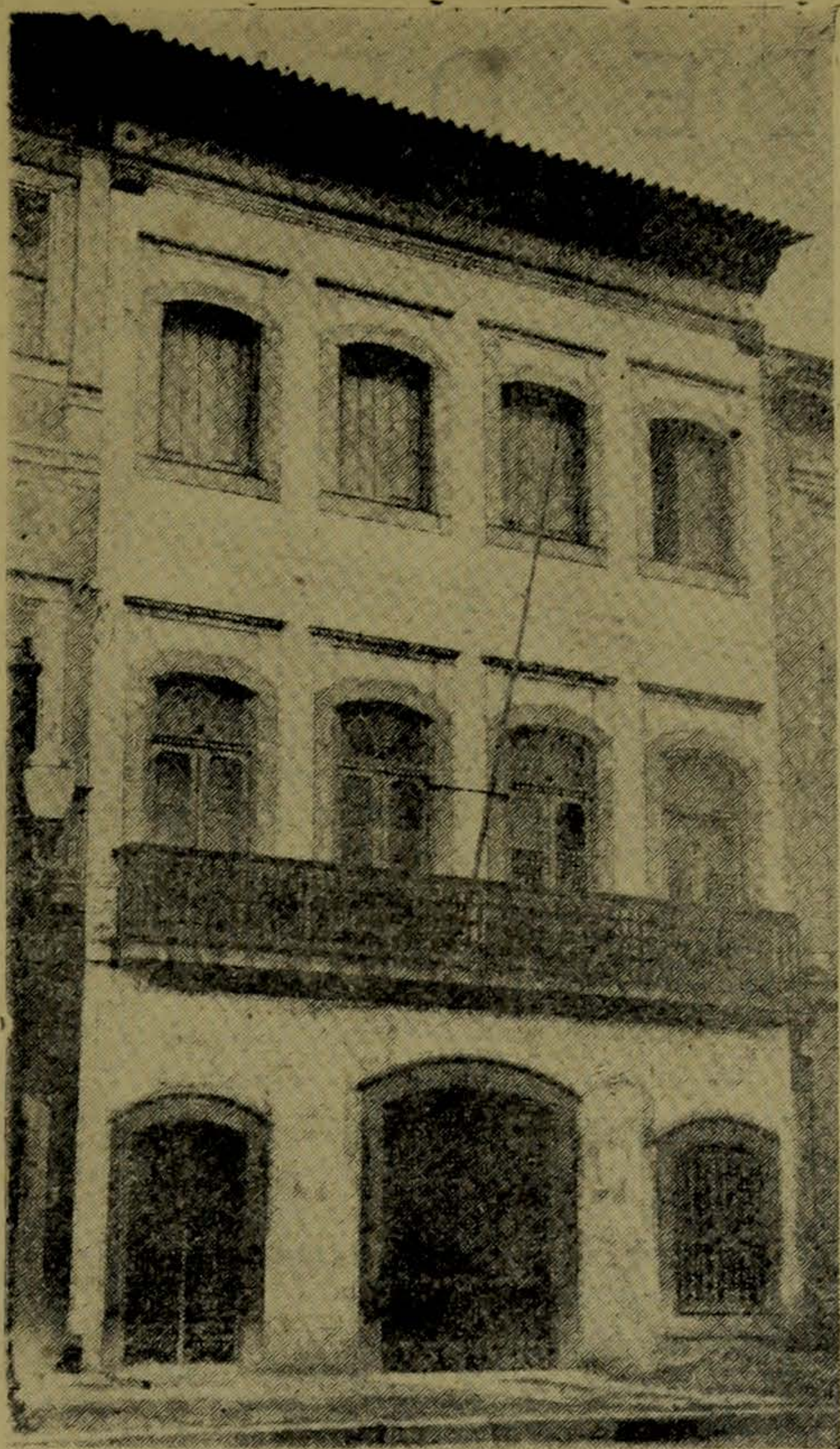
III

TODOS me reconhecem mais do que Deus
E minha humildade é maior que a dos céus
Reconheço-me humilde como não o fui jámais
Hoje reconheço-me mais humilde do que Deus
Não me importa conhecê-lo ou adquiri-lo
Não busco nêle aquilo que não tenho
Não preciso sorrisos de incompreensão fugaz
Me revolto contra o que se preestabeleceu
Todos me revoltam pelo que são de iguais
De iguais aos outros santos que não o são
Todos me coíbem, agora, de gargalhar
Eu choro amargo porque os outros são iguais
Há um só reconhecimento
Muitas agulhas enquadradas
Caminhos que não são nada
Todos respiram enfraquecimento
Eu vivo de um só tormento
Não alcanço mais o que perdi
Respiro luas que não reví
Sou o tormento de mim mesmo
Ai, todos anseiam me encontrar sozinho
Todos buscam, em mim, o que lhes falta
Todos repegam o mesmo que não é falta
Mas sublimação de um só momento
Em mim!

Me reconheçam maior do que Deus
Me vejam como aquele que é o próprio Deus
Me sintam destruidor, sátiro, perno, remarcação

Mas possuo Deus em minha triste solidão!...





Velha fachada revestida de azulejos estampilhados e em beiral de telhas azulejadas — Distrito Federal.

PARA bem compreender a razão e o sentido da aplicação dos azulejos em revestimentos parietais de edifícios modernos no Brasil é necessário lembrar que este hábito sempre foi muito frequente nas velhas técnicas construtivas da península ibérica. Como herança da atividade artística dos extraordinários ceramistas árabes, floresceram na Espanha até muito além do século XVIII dois importantes centros de produção desses ladrilhos esmaltados. Das oficinas de Sevilha e de Talavera de la Reyna fundados sob a boa tradição mourisca e enriquecidas pela influência renascentista italiana, vieram para a cerâmica portuguesa, mais imprecisa e irregular, novos impulsos vitalizantes e poderosos. Os grandes painéis historiados de azulejos portugueses, hoje famosos, como os do Palácio Ducal de

Vila Viçosa, os da Casa Senhorial dos Marqueses de Fronteira, os da Quinta da Bacalhoa e muitos outros, admiráveis de colorido e de fatura têm, sem contestação, acentuadas características das indústrias louceiras espanholas e italianas.

Poderemos distinguir, sumariamente, na história dos azulejos parietais portugueses três períodos fundamentais: ao primeiro pertencem os azulejos policrômicos, de relevo ou lisos, êstes de acordo com o processo de fabricação de NICOLOSO MILANO, com desenhos em forma de padrão ou, em composição mais vasta, imitando tapêtes; no segundo período predominam ladrilhos pintados em azul sobre fundo branco, sempre lisos e possuindo um caráter já bastante distanciado dos primitivos modelos mouriscos; são desta época os grandes painéis represen-

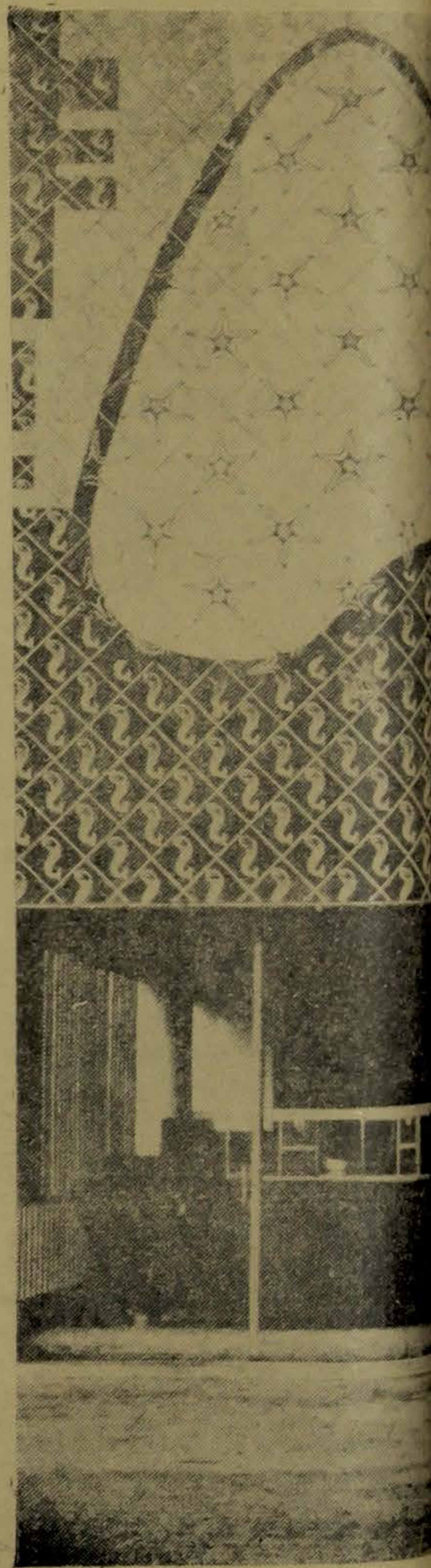
tando em larga escala as cenas de Gênesis e das legendas dos santos, assim como os azulejos chamados de motivos isolados, isto é, apresentando uma só figura: flor, fruto, pássaro, etc.; no último período a indústria cerâmica atingiu, como tantas outras, a sua fase industrial e os azulejos perderam as suas qualidades de trabalho manual, passando a ser desenhados e fabricados por processos mecânicos; são os azulejos ditos estampados ou estampilhados que tiveram grande voga no revestimento de fachadas, corredores de igrejas e de edifícios civis; apesar de inferiores, do ponto de vista artístico, aos azulejos dos dois primeiros períodos, eles ainda constituem um excelente material e muitos oferecem desenhos firmes de bom traço e bom aspecto.

O emprêgo do azulejo como elemento decorativo ou simples guarnecimento de paredes em edifícios modernos é assim uma consequência imediata da sua tradicional presença na arquitetura portuguesa, da qual, desde a sua origem, nunca inteiramente pôde se afastar a arte de construir ao Brasil. Mesmo na época presente em que a arquitetura do concreto armado moldada e monolítica estabelece diferenciações profundas entre as tendências construtivas desses dois países, frequentemente, por efeito de associações impecáveis, surgem aproximações irrecusáveis; o uso do azulejo é uma delas.

Transportados de Portugal, principalmente para formar «lambris» nos claustros dos conventos ou nos átrios e varandas de algumas casas nobres, os azulejos criaram nesses espaços arquitetônicos semi-abertos uma atmosfera especial de comunicabilidade e dependência com a natureza livre e tropical. Daí o clima de doce e de tranquilidade quasi idílico que reina no interior dos conventos franciscanos da Bahia, do Recife ou do Rio de Janeiro todos eles possuidores de azulejos da autoria de bons oleiros portugueses.

Sucedendo a êsses azulejos mais artísticos, mais primorosos de fatura, os ladrilhos estampilhados tiveram, depois, por largo espaço de tempo, a primazia entre os revestimentos de paredes, e ainda hoje sobressaem um grande número de antigas fachadas.

No período que vai de 1840 a 1890, em quase todas as cidades do Brasil as fachadas das boas casas de habitação eram revestidas de azulejos estampilhados, importados, de Portugal; no



Vista parcial de um dos

disten-
des-
os de
om a-
buto
teras.
Rio,
orde-
min-
fa-
mônio
edifi-
co-
derão
queles
já de
reia-

dos devemos chamar a aten-
ção para mais alguns; ve-
ja-se, por exemplo, o edifício
da «Casa Sibéria» que con-
serva a sua fachada de 1875
e é um excelente documento
da maneira de tratar as pa-
redes exteriores naquela é-
poca, ou então o prédio da
avenida Getúlio Vargas on-
de, atualmente, funcionam
os armazéns «O Dragão»
ainda com o seu beiral de
grandes telhas azulejadas e
as suas janelas de almofa-
das.

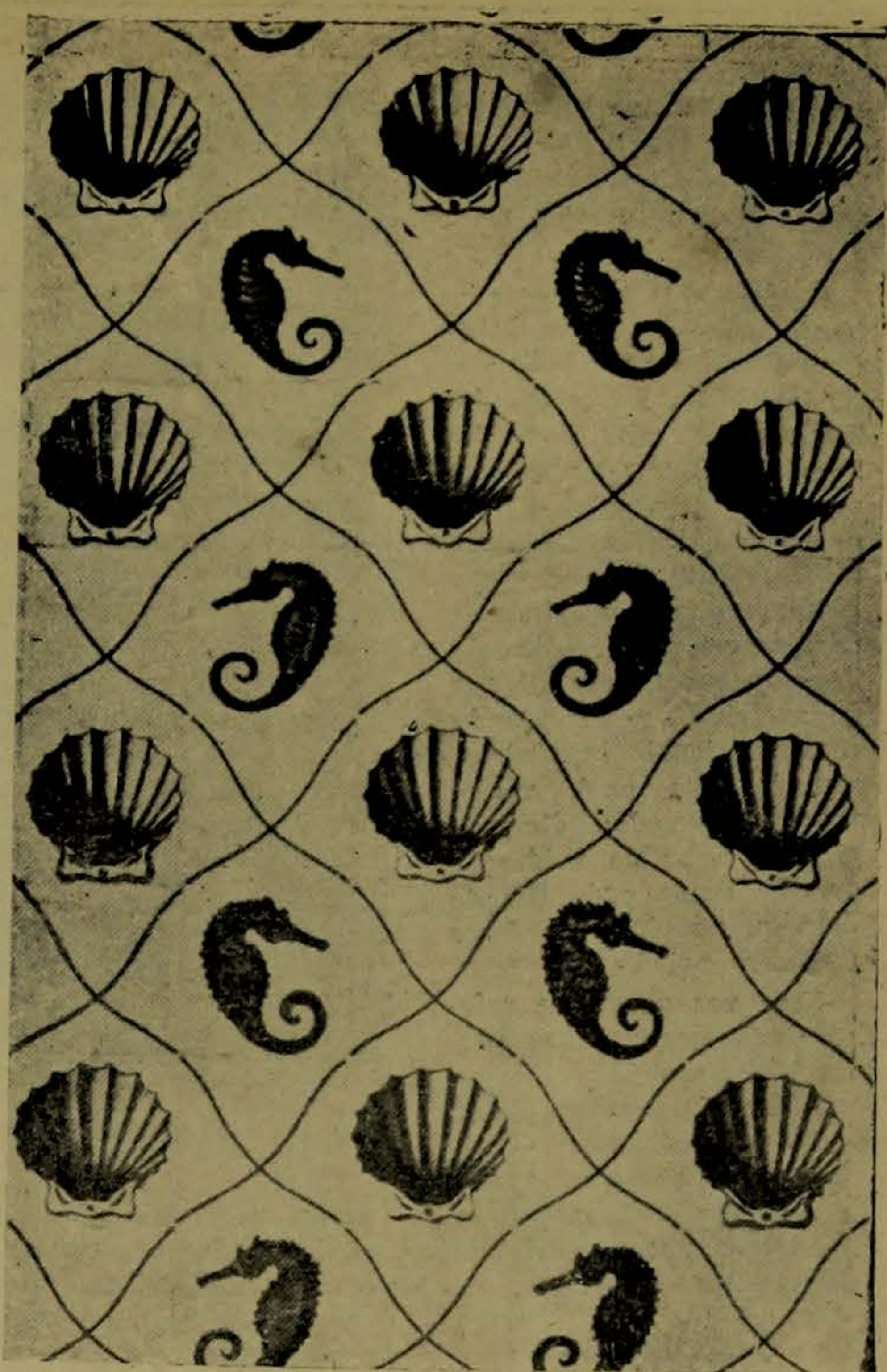
Foi resultante dessa inti-

midade com os ladrilhos vi-
drados existentes nas velhas
igrejas do seu país, a inicia-
tiva tomada pelos modernos
arquitetos brasileiros de re-
viverem o velho processo de-
corativo, conjuntamente com
a pintura mural, os mosai-
cos, os mármore e os gra-
nitos; é verdade que antes
deles já algumas primeiras
e fracas tentativas se esbo-
çaram sobretudo aquelas que
estão associadas ao fracasso
do movimento por um es-
tilo «neocolonial».

Cabe, portanto, indiscuti-
velmente ao grupo de archi-
tetos modernos filiados ao
CIAM, grupo que vem rea-
daptando a arquitetura às
boas e eternas normas cons-
trutivas, a atual aplicação
do azulejo em grandes ex-
tensões de parede.

No edifício do Ministério
da Educação e Saúde do
Rio de Janeiro foram colo-
cados os primeiros azulejos
que marcam essa revives-
cência de uma arte até bem
pouco quase abandonada;
todas as paredes externas do
andar térreo desse grande
edifício estão revestidas de
cerâmica, destacam-se entre-
tanto, do lado sul dois gran-
des painéis com as dimen-
sões de 18m x 10m. São
compostas de azulejos de 15
cm x 15cm e têm por moti-
vo na composição geral do
seu desenho, de fundo nítida-
expressionista, o Comêço da
Vida: da Vida surgindo à
luz do dia em pleno mar.
Em diversos tons de azul,
desde matizes quase esmae-
cidos, até a nota dominan-
te de um azul absoluto, su-
perfícies definem as linhas
batimétricas da profundida-
de das águas e sobre elas
traçados em risco largo e
forte o contorno do proto-
plasma primitivo. Há, indi-
cando um fenômeno de cla-
ridade e de transparência,
um campo geral constituído
de seres marinhos elemen-
tares: conchas e estrelas do
mar, formando padrão qua-
se sempre de 16 azulejos.

Em outras paredes são u-
sados azulejos de figura iso-
lada co melementos da rica
fauna marítima: conchas,
cavalos-marinhos, búzios,
caranguejos, polipos e co-
rais, formas plásticas de ex-
celente efeito; estes ladri-
lhos de figura avulsa reco-
brem as superfícies exterior-



Modernos azulejos de figura avulsa. — Ministério da Educação e Saúde.

res das paredes do anfitea-
tro e das escadas que dão
acesso ao salão de exposi-
ções.

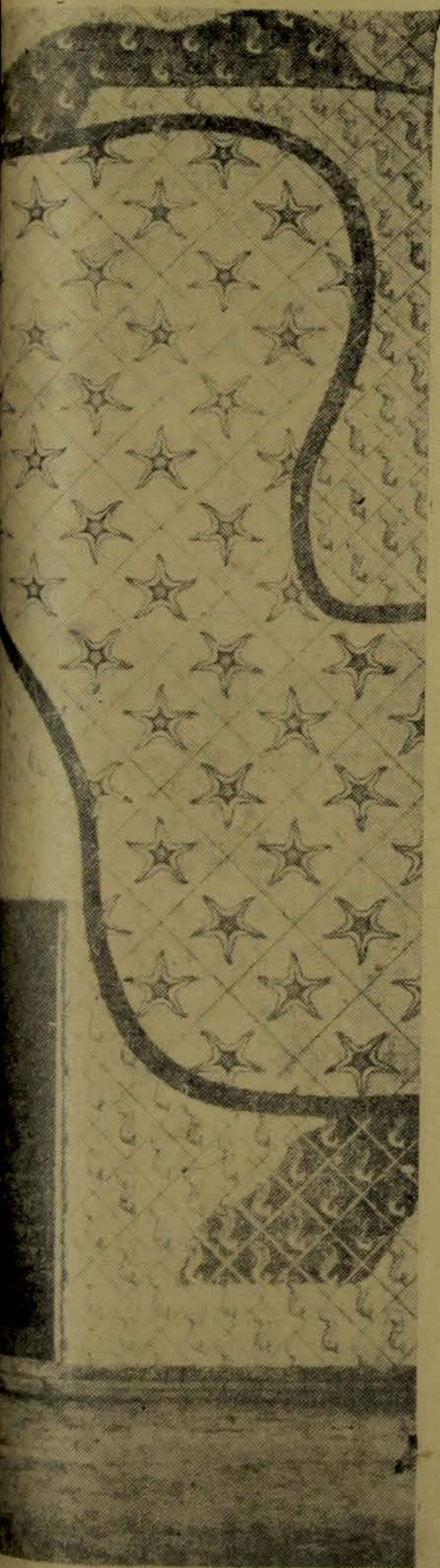
Todos esses ladrilhos es-
maltados foram executados
segundo cartões desenhados
pelo pintor CANDIDO POR-
TINARI; embora não pos-
suam uma pasta excelente,
são muito bem pintados e
têm bom esmalte. O fabrico
obedece ao processo clássi-
co: pintura sobre o «biscoi-
to» em tinta azul, esmalta-
gem a chumbo ou estanho
com exposição ao grande fo-
go.

Algum tempo depois da
execução a aplicação dos a-
zulejos do Ministério da E-
ducação e Saúde o archite-
to OSCAR NIEMEYER FI-
LHO especificou novamen-
te, para diversas paredes no
edifício do Iate Clube da
Pampulha, em Belo Hori-
zonte, o revestimento de a-
zulejos; ali, entretanto, não
foram usados painéis com
desenhos originais, mas tão
somente a reprodução de la-
drilhos estampilhados já
existentes; foi escolhido o
padrão da Igreja de N. Sra.

do Carmo da Lapa, de tra-
ço vivo e movimentado.

Quase da mesma época
são os azulejos que ornant
a capela de São Francisco,
também na Pampulha; co-
brem uma superfície supe-
rior a 80 m² e ocupam tô-
da a fachada posterior da
pequena igreja; os temas
do seu desenho são passa-
gens da vida do grande san-
to de Assis; os cartões,
também do pintor CANDI-
DO PORTINARI, revelam
uma composição das mais
felizes, de acôrdo com a di-
ferença de altura dos arcos
circulares e parabólico do
templo. O episódio da sub-
missão do lobo da cidade de
Agóbio é o principal motivo
representado, e, o animal
aparece aos pés do santo na
base do painel, como se pou-
sasse no próprio gramado
do jardim que envolve a
igreja. Além desta, duas
outras cenas da vida do
«Poverello» estão registra-
das com grande vigor de
traço e de um azul rico e
lustroso.

Em todo o espaço que
contorna as figuras vêem-
se peixes e aves, desenha-

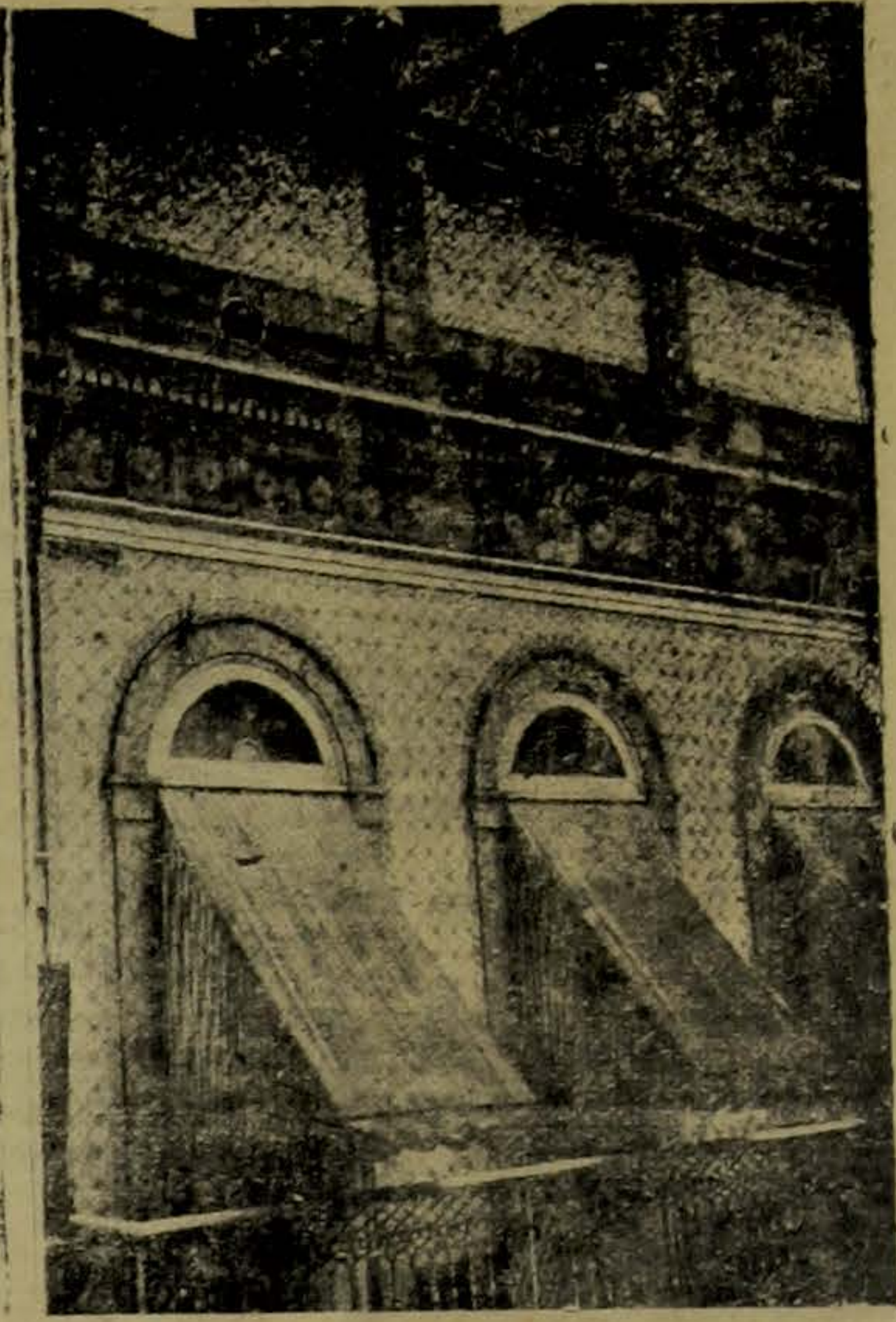
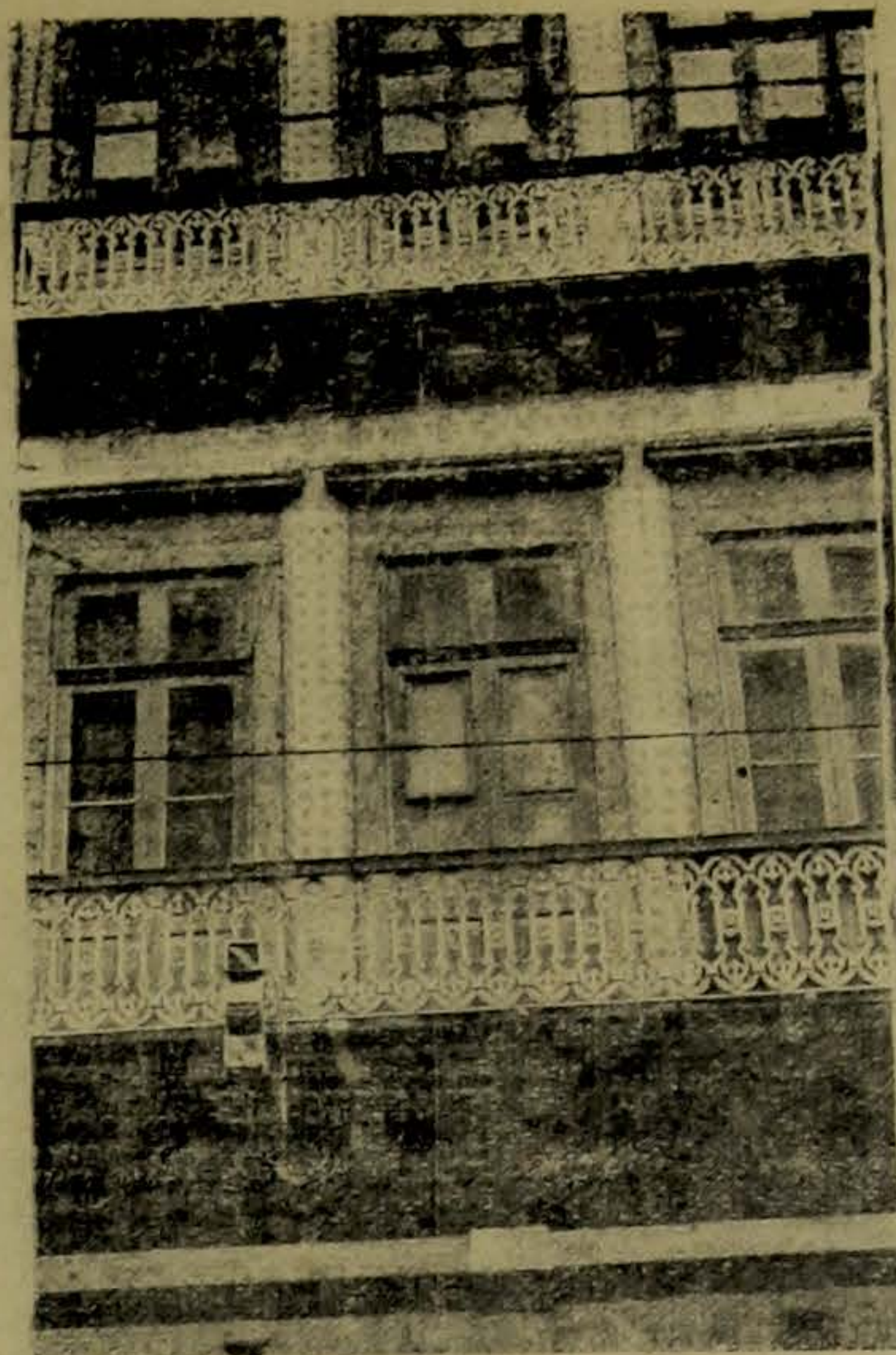


Ministério da Educação e Saúde.

dos com a mesma maneira particular de tratar as escamas e as penas, com matéria provinda da mesma substância ou essência original.

A cópia dos azulejos estampilhados, para o Iate Clube, como os painéis do Ministério da Educação, da igreja de S. Francisco da Pampulha foram executados no atelier «Osirarte» dirigido pelo pintor italiano PAULO ROSSI que, além dessas realizações, ainda é responsável pelo fabrico de inúmeros pequenos quadros de azulejos representando cenas regionais brasileiras, pitnados em azul, verde, roxo e amarelo; diversas são as casas de habitação de São Paulo e do Rio de Janeiro, ornadas com êsses pequenos painéis.

Uma vez que estas referências fazem ressaltar a recente composição e fabricação de azulejos brasileiros convém assinalar que nos intervalos dessas grandes realizações dos arquitetos modernos apareceram também outras aplicações me-



Velhas fachadas com revestimento de azulejos estampilhados. — Distrito Federal.

nores em edifício de pouca importância arquitetônica mas projetadas e dese-

nhadas por pintores de merecida fama como o painel da autoria de ARPAD SZE-

NES, o de MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA, e o de EROS GONÇALVES.

Noticias

RODRIGUES COUTINHO

JORGE Rodrigues Coutinho, o poeta de «Três Tempos de Poesia», de quem se vem ocupando a crítica nacional, volta-se, no momento, para a realização de uma novela, à qual ainda não deu título.

O «GALATEA»

POETA carioca Haroldo Candido de Oliveira, de quem a Companhia Jaime Costa encenará «Galathea», foi convidado para orientar a parte artística da recém-fundada revista «Homem».

WILLY LEWIN

O ESCRITOR pernambucano Willy Lewin está assinando duas vezes por semana, no «Correio da Noi-

te» incisiva coluna de crítica literária e registro bibliográfico.

ABKAR

O POEMA «Abkar — A Cidade dos Genios —, do árabe Chafie Maluf, foi traduzido por Mussa Kuraieim e versificado por Judas Isgorogota.

Além dos 12 cantos que transcendem o voluptuoso perfume da poesia oriental, entretido de lendas, há em apêndice, uma coletânea de motivos lendários árabes com os semelhantes persas, gregos e de várias outras civilizações antigas.

GOETHEANA

NA COLEÇÃO Goetheana, com que a Editora Melhoramentos está contribuindo para as comemorações do bi-centenário de Goethe, fi-

gura «Egmont», em tradução de Hamílcar Turelli. Os críticos e os leitores, em geral, destacam o sabor atual dessa obra, composta com real beleza e força dramática.

Situações teatrais mantêm o forte interesse do leitor e o seu encantamento diante da história do príncipe Egmont na Bruxelas ocupada pelas tropas do duque de Alba.

Não de Goethe, mas sobre o genial poeta é o ensaio de Pedro de Almeida Moura «Perfil de Goethe». Verdadeiro curso de informação sobre a obra, a vida, as influências que sofreu e exerceu o criador de «Fausto».

Completam o livro, fartamente ilustrado, como guia objetivo e completo, excertos da obra de Goethe, traduzidas pelo autor do volume, o qual superou as conhecidas dificuldades para dominar tão vasto e suges-

tivo assunto, que é o universo goetheano.

LITERATURA JUDIA

DE SCHOLOM Asch, popular escritor judeu nascido na Polônia e que vive nos Estados Unidos, foi traduzido por Carlos Ortiz, circetamente do idiche, o romance «A Mãe», lançado pela editora Rampa, de São Paulo.

O leitor mais desprevenido, assinala o editor, verá, nas páginas deste livro, os grandes conflitos humanos e sociais entrechoques violentos de pais e filhos, de mundos velhos e novos, de sólidas ideologias e as mais brutais realidades».



Artes Plásticas



EXPOSIÇÃO VITORIO GHENO

VITORIO GHENO

CLOVIS ASSUMPÇÃO

VITORIO GHENO plasma sua forma com independência, mas de modo cometida. Com determinada ponderação, nem projetado sobre a objetividade, deixando-se levar por ela, numa cópia, num arremedo, nem, por outro lado tentando uma aventura maior de reconstrução, de reorganização violenta da natureza-liberta moderadamente a forma. Sem cair numa deformação excessiva, subordina a forma ao seu próprio entendimento de limite, debaixo de um ritmo

saudável e dúcil. À linha pessoal e característica, sabe o pintor coordenar, num entrosamento bem equilibrado, uma cor muito branda, muito suave, criando uma harmônica atmosfera de leveza. Daí a graça de suas paisagens e figuras. O melhor de Vitorio Gheno está nas figurinhas, nos agrupamentos de povo, onde o artista, fiel a si próprio, mais do que nunca, evidencia o seu temperamento. Os grupos estão marcados num típico ambiente brasileiro, sob aspecto bem vivo, ates-

tando uma segura observação. Figurinhas dispersas, trabalhadas ao pormenor, à meticulosidade, tomada de expressões agudas. Figurinhas afastadas, aparentemente, do circundante, tal a subtilidade e o encantamento. Uma ternura sadia, bem equilibrada, de substância. Estas figurinhas, de acendrado humor, contribuem, de forma específica, devido à legitimidade, à pintura Vitorio Gheno. Toda a experiência do pintor está condicionada pela visão otimista

da vida. Daí um claro domínio e um contorno lúcido de verdades, assim como uma simplicidade de soluções. Vitorio Gheno abelheira-se no mundo, dando fundamentos típicos ao seu mundo plástico, sempre claro e singelo, conduzido por sua legítima inquietação, sem mistérios e agônias. A organização psicológica do artista permite, ou melhor, obriga o sorriso, apesar de tudo e de todos, triste às vezes, matriz de sua ironia e medida de sua arte.

A Carreira de LOUIS GUILLOUX

RENÉ DELANGE

LOUIS Guilloux tem 50 anos. É bretão, de Saint Briac. Seu pai era sapateiro, e militante socialista. Seus parentes maternos eram de Roscoff, e marinheiros. Seu nome é tipicamente bretão; segundo alguns celtizantes seria uma corruptela de Guillaume; segundo outros significaria "o diabo". Esse diabo, Guilloux o alojou no bolso durante anos, até que apareceu seu primeiro livro "La Maison du Peuple", que lhe valeu em 1928 uma bolsa Blumenhail de 20.000 francos, ou 500.000 de hoje...

Guilloux viveu toda a sua infância em Saint Briac. Na escola pública, o professor o fez preparar bolsas para o liceu. Aqui ele não descolou grandes homens entre seus professores, salvo Palante, que tinha uma seção no *Mercure*. Depois duma ameaça de duelo com o filósofo do bovarismo Jules de Gaultier, e uma ata de carência, Palante se julgou desonrado e suicidou-se.

Aos 15 anos, Guilloux, que não lê os clássicos do Século XVII mas de preferência Rousseau e Diderot, passa horas na biblioteca Municipal para devorar Jules Valés e Romain Rolland.

Ao mesmo tempo, começa a escrever.

Deixa o Liceu, enquanto seu amigo e patrício Jean Guéhennoc (também filho de sapateiro) prepara a Escola Normal Superior. Guilloux começa por ser "pion" no Liceu onde acabava de ser aluno. Aplica as doutrinas de Rousseau: educação livre, ausência de castigos, de vítimas. Ao cabo de um mês, a administração lhe agracece... Torná-se então

secretário de Augusto Hamon, o tradutor de Bernard Shaw. Depois, escriturário na Ferrovia de Ille & Vilaine. Decide subitamente ir para Paris, onde surge em outubro de 1918. Não conhece ninguém.

— Bai a calçada durante bastante tempo... — diz ele — Ancei de soão em sotão, na Rua da Montagne Sainte Genviève, na Rue du Bac, sobre uma farmácia...

A miséria obriga-o a voltar para Saint Briac, onde se alista num departamento militar como empregado civil. Não podendo suportar as observações de um sargento, volta os olhos para uma casa de alimentação que o aceita como viajante comercial. Não é grande viajante. Em 1921, Paris retoma Guilloux, que fala bastante inglês e encontra um emprego de intérprete.

— Fiz até de guia. Para visitar os campos de batalha. Sei distribuir prospectos na rua. Faz-se um grande monte que se deita no esgoto mais próximo, logo ao princípio. E vai-se receber, à tard...

Começa a publicar ensaios nas revistas, conhece Melraux, Jean Grenier, André Chamson, Gabriel Marcel. Mas a vida é cada vez mais difícil. Um dia sem um franco no bolso, entra no *Intransigeant* como revisor de inglês. Está salvo.

Quando se publicou a *Maison du Peuple* um editor assinou com Guilloux, um contrato, passando a pagar-lhe uma mensalidade.

— A minha vida perdura então o pior escó... confessa o jovem romancista aos amigos.

Decide-se no entanto a ser escritor.

Em 1929, *Dossier Confidenciel* trata das relações do homem com o mundo (uma personagem que quer isolar-se para viver em extrema pureza, um pouco falhado). Em 1929, *Compagnons* põe em foco a existência de dois moldadores de gesso. Depois Hyménée, em 1931, fala do casamento num meio de pequena burguesia que se aproxima do proletariado.

Por fim, em 1935, *Le Sang Noir* é saudado por toda a crítica como uma obra prima. Quando se pergunta a Guilloux o que pensa de seu romance, assim o define com paixão:

OSang Noir é a minha personagem Cripure. Uma sociedade que não quer mais encontrar para si mesma uma justificativa, que já não tem bastante sangue vermelho, um homem que não pode aceitar nem recusar o mundo. Um livro de polémica, virulento. Um ataque quase caricatural a um mundo asfixiante e inhumano.

Guilloux se retira para a sua pequena casa de Saint Briac. Acompanha André Gide à Rússia com Eugène Delib, em 1936, mas nada escreveu sobre essa viagem. Recebe em casa centenas de refugiados espanhóis. Embora nunca se tivesse inscrito num partido político, durante cinco anos se ocupa do *Secours Vermelho*, e é secretário

do primeiro congresso mundial anti-fascista. Durante a guerra, tentou em vão passar para a Inglaterra. Antes de se refugiar em Tolosa para escapar à Gestapo, corrige em Paris as provas do *Pain des Rêves* que conquistou o Prémio populista.

E agora aparece *Jeu de Patience*; 807 páginas sobre a experiência dos homens de 50 anos, que viram as duas guerras, a revolução espanhola, Hitler e "toda a tribo" como ele diz.

Esses homens consideram o problema, confessa Guilloux, com olhos que desejariam ser novos. Pensam que a vida é coisa extremamente preciosa e que a maior diferença que existe é a que separa um vivo de um morto. Por mim, creio que o moral consiste em não aumentar a infelicidade dos homens.

É o que exprime Pablo, numa frase caribólio; um dos personagens de *Jeu de Patience*: — É preciso deixar viver...

A dura experiência humana de Guilloux, o tornou sensível a todos os sofrimentos dos outros. Por isso se sente na sua obra uma corrente interior que não vem de nenhuma influência literária; sua fonte é o coração do escritor, unido em um destino comum a seus amigos vivos ou mortos... Louis Guilloux, um escritor desesperado que apesar de tudo tem esperança no homem.



Anotações á Margem do "Log Book"

GASPARINO DAMATA

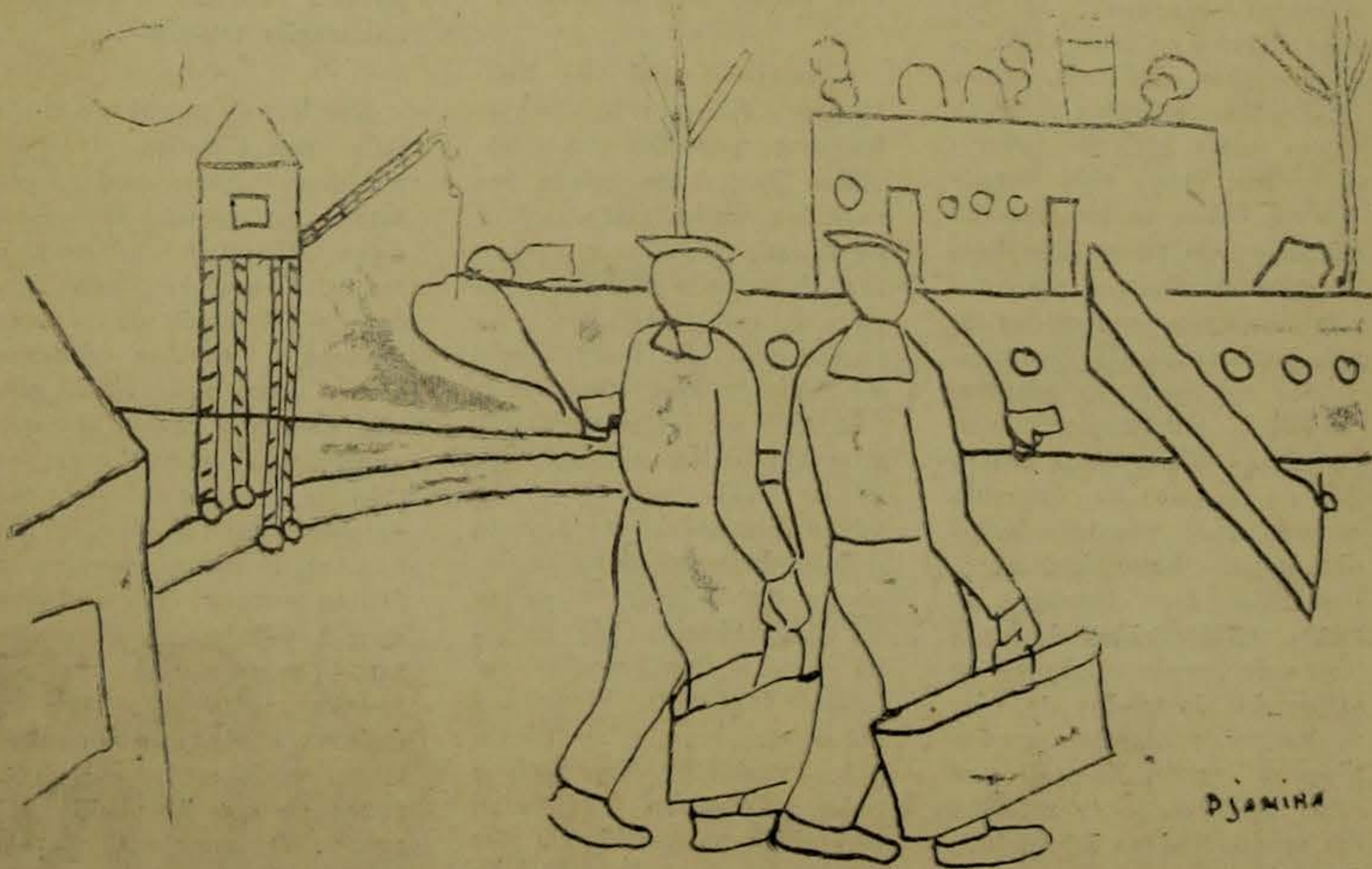
SAN JUAN DEL PUERTO RICO, 1946 — Isso aconteceu à tarde, momentos depois que visitei Johnny Tavares e me preparava para deixar o Hospital dos Marítimos, na Parada 7, Rio Piedras. Mal acabara de chegar da República Dominicana (metiera-me numa viagem acidentada, perigosa, cheia de imprevistos — uns negócios nebulosos, sem grandes resultados práticos), fui informado que o rapaz se submetera a uma melindrosa operação do nariz, motivada por uma contusão sofrida numa briga contra dois negros de Sta. Lucia, no Alcazar. Mas, como ia dizendo, eu vinha andando tão distraidamente pelo corredor que leva os visitantes ao salão dos convalescentes que, ao voltar o rosto para o lado esquerdo mal pude conter o susto: deitado numa cama alta — algo semelhante a um berço antigo, especialmente arranjado para um adulto, um marítimo jovem se debatia suado entre gemidos flébeis, balançando a cabeça de um lado para outro, se agarrando com unhas e dentes à vida — que parecia se escoando lentamente por entre seus lábios rixos, crestados. Enquanto o pobre jogava a cabeça do travesseiro para o colchão, mechas do seu cabelo de um negro retinto, brilhante, caíam-lhe pela testa empastada de um suor viscoso, e tinham algo de berante, vital, ante a palidez cinzenta do seu rosto encoado de adolescente outrora belo, cheio de vida, agora corroído pela doença... Sobre os seus olhos cerrados, suas pálpebras longas, permaneciam delicadamente imóveis, como duas taboas exaustas, feridas de morte. E junto à sua cama ou berço, uma mulher, fadada de meia idade, marçuda (uma jibara) jazia e via, confiante, numa atitude quase santifical. Com uma mão segurava o lençol já meio gasto, que lhe cobria a cabeça de cabelos lisos, bem repuxados, já meio grisalhos; com a outra passava, quase timidamente, de quando em quando, um lenço de um braço impreciso

pela testa suada do jovem moribundo, numa paciência, num conformismo de dar gasturas. Fiquei no meio do corredor, parado, com a respiração presa, como que suspenso do sono; aquele quadro — de uma simplicidade, de uma beleza trágica, comoveu-me, tocou-me no mais profundo do ser. Naquêle momento, eu teria dado a própria vida para salvar à daquêle jovem moribundo, eleito da morte. Que valia minha vida naqueles dias escuros? Nada, absolutamente nada! Eu era um indivíduo desnorteado, que me metiera numa série de embrulhadas terríveis; uma inutilidade, confesso. E, se aquela situação tivesse durado mais alguns dias, eu teria estourado... (Mas, não estourei nem nada; fiquei, ao contrário, num bêco sem saída, aguentando tudo calado, sem poder respirar, até o fim; o diabo!) Despertei com a voz sumida, dolente — um gemido prolongado, uma frase sussurada, incessiva, que parece ter saído das minhas próprias entranhas: «Estou me matando... Me matando...» Descobri-me minutos depois perambulando pelo jardim estenso do Hospital, de mãos nos bolsos, batendo os beigos, falando só; parecia ter despertado de

um pesadelo, de um sonho mau, angustioso. Dias depois, soube por Johnny Tavares que o citado marçura. E, o que mais me revoltou na morte daquele jovem marítimo desconhecido (parece que ainda hoje o vejo suado, se agarrando à vida com unhas e dentes, num desespero), foi que lá fóra, no jardim, era primavera: pássaros cantavam nos galhos das acácias floridas e o sol tépido das Antilhas dava reflexos dourados na superfície serena das águas quietas de um braço de mar que passava por detrás do Hospital; e a vida nunca pareceu mais plena, mais bela!

SANTOS, VERÃO, 1947 — Ontem à noite, durante uma festa oferecida na Cantina dos Marítimos à tripulação de um navio americano, entre copos de cerveja, dichotes graciosos e a tagarelice musical de um bando de portorriquenhos, ouvi quando um deles, olhando assustado para o relógio de pulso, disse para o companheiro: «Mina Pepe, me voy; mi barco sale a las diez, muchacho». E, procurando despedir-se de um grupo de pequenas que se deleitavam com as suas fanfarrônicas de antilhano alegre, despreocupado, exclamou por entre risos, já

no limiar da porta, com o taxi claxonando à sua espera: Oye nenas, yo soy el rei de un palacio flutuante». Depois, ouvi apenas quando gritou lá de fóra, do portão, talvez: Mira muchacha: quieres ser mi reina? que venga! No dia seguinte, acordei com o sol abraçador de Santos queimando-me o rosto (adormecera no terraço da Cantina, numa preguiçosa); gotas de suor escorriam-me pela espinha abaixo, como formigas... Estranho: a primeira coisa que me veio à mente, foi aquela frase dita pelo portorriquenho na noite anterior: «soy el rei de un palacio flutuante». Levantei-me às pressas, dominado por uma inexplicável inquietação; passei uma toalha molhada pelo corpo e toquei para o câis. Saí caminhando ainda meio adormecido, zozzo; o mormaço me tornava sonâmbulo; as coisas dançavam na minha vista, e as vozes dos estivadores carregando café pareciam vindas de um mundo perdido, distante. Súbito estaquei eletrizado diante de um navio sueco. Sim, meu rapaz, tinhas razão quando disseste que os navios são palácios flutuantes e que nós marítimos somos humildes reis. Agora, ao mirá-los entera e claramente, descubro a onda de ma-



Djaniira

ILUSTRAÇÃO DE DJANIRA

NOTAS LITERARIAS

HAROLD SMITH

FRANKLIN Delano Roosevelt figura como personagem central em três livros publicados recentemente — um de autoria de sua esposa, Eleanor Roosevelt, outro de Grace Tully, sua secretária particular, e o terceiro de Edward Stettinius, que foi Secretário de Estado durante a última guerra. Em «This I Remember» (Disso Eu Me Lembro), Eleanor Roosevelt conta a história de sua vida, desde 1924 até a morte do Presidente, em 1945, livro esse que é uma sequência de seu «This is My Story», publicado em 1937. Em «This I Remember», a Sra. Roosevelt descreve a vida particular que ela compartilhou com o Presidente, na Casa Branca, fazendo também interessantes comentários sobre acontecimentos históricos e diversas personali-

dades. Mas o que domina o livro é o retrato de Eleanor Roosevelt, esposa do Presidente a qual também é uma das mais notáveis figuras de nossos tempos. Nesse livro ela revela os sacrifícios que lhe foram impostos pela vida pública, e a coragem com que ela enfrentou esses mesmos sacrifícios. «This I Remember» é um livro de importância histórica assim como de intenso interesse pessoal.

Grace Tully, autora de «F.D.R. — My Boss» (F.D.R. — Meu Chefe), foi secretária particular do Presidente Roosevelt durante cerca de 17 anos. Seu livro apresenta muitos dos pequenos detalhes da vida diária que ajudam a compreender a personalidade do falecido Presidente, e também conta muitos incidentes ligados às diferentes pessoas com quem ele lidou. Entretanto, a finalidade principal do livro é a de nos mostrar Roosevelt como simples indivíduo, como o homem para quem Grace Tully trabalhou. Ela o considerava «uma das grandes almas de toda a história» e quer que compreendamos a sua admiração. O livro trata de como ela serviu ao Presidente na qualidade de sua secretária particular, por isso também poderá servir de manual da arte de ser boa secretária.

«Roosevelt and the Russians» (Roosevelt e os Russos), por Edward Stettinius Jr., é um relato das relações diplomáticas entre os Estados Unidos e a Rússia, durante a última guerra. E, em particular, uma explicação da Conferência da Criméia, que Roosevelt, Churchill e Stalin mantiveram em Yalta, em Fevereiro de 1945. Stettinius era então Secretário de Estado e defende nesse livro as decisões que foram tomadas na Conferência. Ele declara que a Conferência foi «uma tentativa sensata e corajosa, levada a efeito pelo Presidente Roosevelt e pelo Primeiro Ministro Churchill, no sentido de pôr o mundo na trilha da paz

permanente.» E acrescenta que, «suríram dificuldades, não em vista dos acordos de Yalta, mas devidas ao fracasso da União Soviética em cumprir aqueles acordos». Quer estejam ou não corretas as conclusões às quais chegou o autor, esse livro é importante pelo fato de relatar detalhadamente um grande momento da história.

«The Pilgrimage of Modern Man» (A Peregrinação do homem Moderno), por Stringfellow Barr, é um estudo da história europeia desde 1500, mostrando como o mundo vem gradualmente alcançando a unificação. O Professor Barr acredita em que a humanidade sempre demonstrou desejar a unidade mundial, e analisa os fatores e os acontecimentos que têm impedido a realização desse desejo. Ele também acredita em que as nações acabarão por conseguir uma federação universal, que será uma união de povos e não de governos. Entretanto, para alcançar esse objetivo, acentua o autor, é necessário abolir a soberania nacional. Ele é de opinião que as Nações Unidas se devem tornar muito mais fortes e que precisam lidar diretamente com os povos e não com os governos. Somente assim a humanidade poderá chegar à desejada unificação mundial.

Em livro publicado este mês nos Estados Unidos, «Modern Arms and Free Men» (As Armas Modernas e os Homens Livres), o autor, Vannevar Bush, discute a eficiência das armas modernas e das defesas contra essas armas. Vannevar Bush é mais do que qualificado para escrever sobre esse assunto, pois foi diretor da produção de bombas atômicas durante a última guerra. Ele acentua que a bomba atômica não será arma decisiva em guerra futura, porque as defesas contra aviões inimigos serão muito mais eficazes do que têm sido até agora. O constante desenvolvimento dos métodos de

defesa contrabalançam o poder destruidor das armas ofensivas. O autor é de opinião que as nações não precisam viver sob o temor de um ataque. Devem, no entanto, fazer tudo pelo fortalecimento da sociedade democrática, para que sejam eliminadas as causas da guerra.

«The Story of Maps» (A História dos Mapas), por Lloyd A. Brown, apresenta um excelente sumário da história da ciência cartográfica. O desenvolvimento da cartografia sempre dependeu do desenvolvimento da astronomia e da navegação. Um dos problemas mais difíceis, até o século dezessete, era o de como determinar a longitude. O autor explica como esse problema foi finalmente solucionado, e descreve os outros progressos científicos que tornaram possível a perfeição da cartografia atual. «The Story of Maps» reflete a história da luta do homem pelo domínio do mundo em que vive. É um livro excelente para os estudiosos de história. (USIS)

FIGURAS DA PROVINCIA

JOÃO DORNAS FILHO, que vem realizando uma obra séria de historiador de coisas e homens da vida de Minas e do Brasil, tem publicado agora, na Coleção Vila Rica do Movimento Editorial Panorama, seu livro «Figuras da Província», uma coleção de treze ensaios substanciosos.

As figuras são o padre José Joaquim Viegas de Meneses, fundador da imprensa mineira, conselheiro Paulo Barbosa da Silva, revolucionário de 1842, Guido Thomaz Marlière, senador Antônio Gonçalves Gomide, e conde de Prados, conselheiro Martinho Campos, engenheiro Pedro Vitor Renault, visconde de Abaeté, Antônio Monteiro Manso, visconde de Ouro Preto, o Guia Lopes e por último, August de Saint-Hilaire.

gia e mistério que os envolve e sinto uma névoa toldando-me a vista, ao vê-los assim magestosos, arrogantes, banhados de sol, preenchidos de sortilégios. Como sois belos, navios de cascos brancos da Escandinávia: como os vossos camarotes asseados rescendem a perfume tênue de ninfalica e algas; como os vossos passadiços ventilados são convidativos às longas e noturnas meditações das transoceânicas viagens. Marítimos esguíos e louros, de olhos claros, infantis, como tendes inconscientemente em vosso porte algo de príncipe e rei; como sois humildes e belos, meus irmãos nórdicos, em vossa laboriosa existência. Eu vos amo assim ingênuos, queimados de sol, atravessando morosamente os conveses amplos, caladões, silenciosos, com os vossos olhos azuis perdidos no vazio; eu vos amo quando vos prostais bêbados pelos botequins, atravessando aos tombos as ruas adormecidas de um porto de escala qualquer ou entrando abraçados de cáis a dentro, cantando canções alegres numa língua que não conheço, triunfantes, em vossas líricas bebedeiras dominicais!



LAPINHAS

JOÃO DA VEIGA CABRAL

NÃO é tão programa nem para o espaço desta seção o estudo histórico ou crítico, mais ou menos aprofundado, da Música, suas idéias, seus problemas, sua evolução. Nem, ainda, no setor nacional, a exposição e discussão das nossas questões folclóricas. A própria crônica, de memória, de um passado recente, aqui mesmo da nossa terra nunca pôde tentarme, particularmente. Não são todas as cabeças que possuem a resina de caraveiro de uma retentiva honesta e lúcida, capaz de grudar, de fixar, pelas paredes da memória, as lembranças e imagens exatas de fatos, de homens e das folhas certas do calendário em que esses surgiram no ambiente social.

Eáson Regis deurme esta pagina de presente para que eu, por ela, converse sobre música, todos os domingos. Topei a parada, satisfeito. Só não fiz foi começar logo, que não era bêsia. Passei uma porção de tempo assuntando sobre o que iria dizer. História? Crítica? Análise? Folclore? Ou fazer tudo isso, ao mesmo tempo? Qual o quê? Plantar mata de sucupira e pau-ferro num sítiozinho de terreiro que só daria mesmo para uma roça de feijão muratinho?

O terreno era pequeno, porém precioso. Eu não o poderia perder, nesta minha pífia an-

siedade — que chega a ser uma verdadeira angústia — de falar sobre a Música, sobre a sua beleza, sobre a sua glória. Fiz força, muito força para conter os impetos da minha prolixidade, os arrancos de um entusiasmo que procura, numa torrente verbal, a sua desordenada evasão. E tracei para "CLAVE" um programa, uma norma: o comentário ligeiro. Idéias gerais, fatos gerais, no menor número de palavras possível. Enfim, um leve barter-papo, uma conversa fiada — entre dois cafés pequenos — sobre a Música de hoje, de ontem, de todos os tempos.

Foi isso mesmo que eu disse, faz dias, a um amigo. Ele me pediu que eu escrevesse sobre a Lapinha, o lindo baile pastoril das nossas mais queridas tradições. E que lamentasse o seu atual abandono, aqui, em João Pessoa e nas outras cidades importantes do Nordeste. E, ainda, que contasse alguma coisa sobre o que foi esse bailado popular, no tempo do seu esplendor.

Fiz ver, mais, a esse amigo, que, apesar de haver escrito, em trabalhos anteriores, sobre modinha, violão, serenatas e outras coisas sentimentais que ainda alcançei na minha infância e na minha adolescência, não sou, absolutamente, um saudosista. Registei, sim, muito de

leve a época em que essas manifestações trovadorescas se constituíam tudo o que havia de música em nossa pobre e tristonha vida social. E mencionei a sua decadência, consequente arcaização e evolução para outras manifestações e outras formas surgidas com um novo século. Aconselhei-o, por fim, a fazer sua interessante sugestão aos ilustres escritores contemporâneos J. Veiga Junior, Walfredo Rodrigues e J. Coutinho de Lima e Moura, que são bambas na memória e na lagrima saudosa...

O que se dá com a nossa linda Lapinha é um fenômeno muito comum — geral mesmo — porque têm passado por todas as formas e gêneros musicais populares do Brasil e de todos os países das Américas, desde o início das respectivas colonizações. Os cantos e danças que nos vieram de outros continentes e dos nossos próprios seivícolas, cruzando, interpenetrando-se, surgiram em formas e ritmos diversos. Essas formas e ritmos evoluíram nos seus elementos fundamentais para a construção e fixação de novos cantos e novas danças. Alguns se arcaizaram e, aos poucos, vão desaparecendo. Destes

últimos, podemos mencionar a Modinha, o Lundú, a Tirana, os Bailes Pastorís (entre os quais a Lapinha), o Marixixe, o Tango (brasileiro) e alguns outros. Somente as populações praeiras ou rurais, muito conservadoras (por falta de maior contato com as civilizações urbanas) ainda os conservam, e bem poucos, nas suas práticas musicais. O que dessas formas meio finadas vai ficando, entretanto, uma qualquer coisa indefinível, a essência melo-rítmica-psicológica da musicalidade brasileira, já se integrou ou se está integrando numa expressividade nova que ora se afirma e se personaliza fortemente.

Sim, é muito bonita a nossa Lapinha, não tem trávica. De um encanto, de uma pureza, de uma ingenuidade que chega a enternecer a gente, que lava o coração da gente. E aquela política feriz do cordão encarnado e do cordão azul, que faz o pessoal dos respectivos partidos ver tudo cor de sangue, como numa eleição de agora? Que é gostosa, e.

Mas, minha Nossa Senhora, como a Lapinha é inocente! E, confessemos, quem, neste dançadão Século XX pode mais sentir alegria com as coisas inocentes?

APROXIMAÇÃO E SUBITO AFASTAMENTO

WILSON DE FIGUEIREDO

A calma veio nos olhos que cruzaram a tarde.
Todas as estradas estavam chegando de longe, de onde
[rolam as valsas.
E estavam macias como revoadas de asas brancas.

Os ventos cantando para os barcos.

Súbito,
Uma visão de rodas andando sobre flores
E um frio caindo para sempre na lembrança.

Antologia de Poetas Paraibanos

SELEÇÃO E NOTAS DE EDUARDO MARTINS

GUIMARÃES BARRETO

1897

JOÃO Guimarães Barreto, nasceu na capital do Estado, no dia 1 de junho de 1897.

El. Eram seus pais, o sr. Eutiquiano Barreto, escrivão do juízo seccional e s. Clara Guimarães Barreto.

Fez os estudos primários e secundários na sua cidade natal. Depois seguiu para o Recife onde matriculou-se na Faculdade de Direito.

Publicou: "Cantos da Vida e Amor dentro do Sonho", poesias, Tip. da "Popular Editora", Paraíba, 1915; "Rimas Tô Tô", (Iluminuras — Perfis marmarinhos), Biblioteca "O" "O Chique", Tip. da Popular Editora", Paraíba, "MXMXVII"; "Bombarda", sonetos e quadras, Of. da Ca. Almeida, Itabaiana, 1920.

VELHO IÁ

É a Vida um pandemonio, em ilusões e ventos;
para alegre passar os dias, meses e anos,
o Homem — Deus na criação — cada dia sustenta
uma luta incessante em perfidias e enganos.

Inventa Ele a Poesia e desvenda os arcanos
da Ciência: ao Prazer, mais cuidadoso atenta,
creando o impuro Amor para os gôsos humanos,
às dores, aflições, às maguas e tormenta.

Esse Amor, bestial, bem humano, imperfeito,
contrário ao próprio Ser e contrário ao Direito,
aonde prepondera a Carne vencedora,

esse Amor que transforma a incauta virgem pura
— anjo celestial de inocência e candura —
na Mulher asquerosa, infame e picadora.

DESEJOS

Nas tuas formas de mulher por onde
se alinham curvas e nuas e puras,
onde Cupido, intrépido, se esconde
por desprender as flechas de amarguras...

Nesse teu riso encantador e belo,
no teu olhar, no lábio enrubescido,
nos fios de ouro desse teu cabelo
— sacro tesouro de valor subido —

anciosamente pairam meus desejos
e eu quero amarte, numa vida calma,
quero que um dia, a música dos beijos
faça vibrar-me, em alegrias, a alma.

Quero que, um dia, doudo de contente,
meu ser tomado de alegria louca,
queira dizer o que minha alma sente
e não sabê-lo traduzir a boca.

SONHOS

Sonhos queridos, infandos sonhos,
vós que sorrides do meu penar,
único alívio, cruel tormento
duma alma triste, dum pensamento
que muito sofre por muito amar...

Queridos sonhos da minha infância,
sonhos felizes que já lá vão,
dá-me, piedosos, uma esperança,
fazei de conta que eu sou criança,
guia-me ao templo de aurea ilusão...

Sonhos queridos, ó nostalgia,
que me acometas por sempre, ó Dor,
fazei, amigos do peito, um dia,
que eu vibre a lira da poesia,
saiba, chorando, cantar o Amor.

O' companheiros do meu passado
de tantas máguas, tanto revez,
solta-me as asas da fantasia
e abençoar-vos eu possa, um dia,
sonhos bemditos, algo cruéis.

TORTURA

Para Joaquim Inojosa

Deconto. Sai um verso imperfeito... Eu o risco
o modulo outro que é, pela idéia, imperfeito:
e da idéia e da forma a procura do efeito
eis-me, ovelha transviada, em de lobos aprisco.

Escrever para que? Porque sofrer o risco
de crítica maisã, fazendo, sem prov. o,
versos onde se encontre um ou outro defeito,
pois não é tile esperar o elogio a bofritisco?

E porque, desprezando a quietude e o repouso,
me toma a sensação de indefinido gôso,
quando meu verso segue a dos bons versos norma?

Tenho em vão explicá-lo e, ao trabalho apeirado,
reúno, na ansia lido ser u'artista consumado,
à tortura da idéia a tortura da fama